

Prefácio

Carmen Rial

Mais um livro sobre migrações? Se fosse somente o caso, já seria muito importante, pois a literatura nas ciências humanas e sociais no Brasil ainda se ressentia de livros que deem conta desse fenômeno que, se não é novidade no país, cresceu consideravelmente e teve o sentido da mobilidade alterado a partir dos anos 1980 – e por isso carece de mais reflexões. Afinal, a mobilidade (URRY, 2007; CRESSWELL, 2009), as redes (CASTELLS, 1996), os fluxos (APPADURAI, 2000) são bem mais do que palavras-chave frequentes em artigos de Antropologia: são conceitos centrais para entendermos as condições do capitalismo global atual. Alguns desses conceitos (e seus autores) enfatizam lugares de trânsito – tecnologias virtuais, estradas (CLIFFORD, 2000) –, outros, seus pontos de saída e chegada (SASSEN, 1991). O livro que Igor Machado nos apresenta se inclui neste segundo caso, abordando mais precisamente uma cidade: Valadares.

Valadares era quase desconhecida dos brasileiros fora de Minas antes dos anos 1980. Entrou no mapa mundial por conta de um motivo bem particular: o grande número de seus habitantes que partiam para os Estados-Unidos, geralmente

para a região de Boston, para “fazer a América”, como diziam. Por que Valadares se tornou esse polo exportador de pessoas? Os autores explicam-nos as origens da relação com a “América” já nas primeiras páginas, mostrando que a presença de norte-americanos no interior de Minas é antiga, embora desconhecida de muitos. Ela poderia parecer inusitada se não soubéssemos que local e global se relacionaram em tramas que muitas vezes escapam às grandes narrativas nacionais.

Por conta da emigração, Valadares tornou-se a cidade-símbolo de um Brasil que estava mudando, deixando de ser um país de acolhida para se tornar um país que também enviava migrantes ao exterior. Eram essas saídas prova de um fracasso econômico? Sim e não. Mesmo que a crise econômica estivesse na origem das primeiras emigrações, os textos a seguir mostram-nos que o fluxo permanece para além dessas crises. De fato, as emigrações motivadas pela busca de melhores condições de trabalho são presenças importantes no total de migrações, mas estão longe de serem as únicas. Sabe-se que os deslocamentos provocados por catástrofes “naturais” ou por conflitos armados superam numericamente os economicamente motivados. E há muitas outras razões para as migrações, as quais estão presentes também em países com economias bem-sucedidas, como a Alemanha, que conta com mais de três milhões de expatriados em 2014. Migrações, deslocamentos, mobilidades são características centrais do sistema-mundo atual.

As cidades, por seu lado, tornam-se conhecidas, por diferentes razões, as mais comuns ligadas ao seu protagonismo econômico, político ou cultural. Valadares ficou famosa como lugar de saída de brasileiros – inicialmente para os Estados Unidos, mais recentemente, o livro nos mostra, para Portugal. Ela foi o laboratório dos textos a seguir. O livro organizado por Igor Machado apresenta-nos como novidade o fato de tratar o fenômeno dessa emigração particular não só a partir do ponto de vista dos que saem, mas também dos que ficam, e o faz com foco bem-delineado no parentesco (nas conectividades/*relatedness*). Boa leitura.

Carmen Rial

REFERÊNCIAS

- APPADURAI, A. *Modernity at large*. Minneapolis: Minnesota University Press, 2000.
- CASTELLS, M. *The rise of the network society*. Oxford: Blackwell, 1996.
- CLIFFORD, J. *Culturas viajantes: O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000.
- CRESSWELL, T. Seis temas na produção das Mobilidades. In: CARMO, R. et al. *A produção das Mobilidades*. Lisboa: ICS, 2009. p. 25-40.
- SASSEN, S. *The Global City: New York, London, Tokyo*. Princeton: Princeton University Press, 1991.
- URRY, J. *Mobilities*. Oxford: Polity, 2007.